

BALTAZAR DE ANDRADE

**ESTA É UMA VERSÃO DE  
DEGUSTAÇÃO (em baixa resolução)  
CONTENDO O SUMÁRIO E OS TRÊS  
PRIMEIROS CAPÍTULOS.**

---

**EDITORA ESTRONHO**  
[www.lojaestronho.com.br](http://www.lojaestronho.com.br)  
[www.estronho.com.br/blog](http://www.estronho.com.br/blog)



**VIDENTE**  
DE APARELHO QUEBRADO

EDITORA ESTRONHO - 1ª EDIÇÃO  
SÃO JOSÉ DOS PINHAIS, PR - BRASIL

**TODOS OS DIREITOS DA OBRA RESERVADOS  
A BALTAZAR DE ANDRADE**

**AUTOR**

Baltazar de Andrade

**ILUSTRAÇÃO DE CAPA**

Nanuka Andrade

**PREPARAÇÃO DE TEXTO**

Heidi Gisele Borges  
Marcelo Amado

**ARTE DE CAPA**

Marcelo Amado

**REVISÃO**

Heidi Gisele Borges

**ILUSTRAÇÕES INTERNAS**

Kamila Zöldyék (todas as coloridas)  
Nanuka Andrade (páginas 14, 55 e 114)

**EDITOR RESPONSÁVEL**

Marcelo Amado

**DIAGRAMAÇÃO**

Marcelo Amado

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

Andrade, Baltazar de;

Vidente de Aparelho Quebrado, O... - São José dos Pinhais, PR: Editora Estronho, 2017.

152 pg.

ISBN: 978-85-9458-014-6

1. Literatura Brasileira. 2. Andrade, Baltazar de I. Título

CDD-869.93

**índice para catálogo sistemático:**

**1. Literatura brasileira 869.93**

**Todos os direitos desta edição reservados à Editora Estronho  
São José dos Pinhais - Paraná - Brasil**

 **estronhobook**  
 **estronho**  
 **estronho**  
 **estronho.com.br**

  
**EDITORA  
ESTRONHO**

VISÃO ESCURECIDA	4
A MENINA NOVA	10
O CATADOR DE CINZAS	18
A VISÃO	24
GRUPOS DE ABORDAGEM	30
DENTRO DA FLORESTA	36
A REUNIÃO DOS MONSTROS	42
A MONTANHA	48
OS MAGOS	56
OS TRÊS QUEREM ME MATAR	62
UMA GRANDE FAMÍLIA	68
O AMULETO	74
LIÇÕES DE MAGIA	80
A FOLHA DE ÁLAMO PETRIFICADA	88
A FADA E O BARALHO	94
UM NOVO SOL	100
MEU AMIGO MONSTRO	108
SOPA DE ALHO	116
CONVITE PARA JANTAR	122
EMBRULHADOS PARA VIAGEM	130
SEGURANDO AS PONTAS	136
TROCAS NADA EQUIVALENTES	144

A glowing blue crystal ball sits on a yellow, three-legged stand. The crystal ball is illuminated from within, creating a bright blue glow. The text "VISÃO ESCURECIDA" is written in a bold, blue, sans-serif font across the front of the crystal ball. The background is a dark green gradient.

**VISÃO  
ESCURECIDA**

Nem sempre foi assim, os mortos não retornavam do além-túmulo, não com essa frequência assustadora. Havia algo errado em Aparelho Quebrado alheio à minha bola de cristal, aos meus búzios, ao meu tarô e à minha sopa de letrinhas. O presente e o futuro deixaram de existir nessa cidade maldita. Claro que poderia sair e verificar, mas sou meio alérgico a zumbis, deve ser um mal hereditário, sabe, todos por aqui se orgulham de não terem medo de nada. Menos minha família, é claro.

Aparelho Quebrado já enfrentou vampiros, lobisomens, trolls, bruxas e, pasmem, até topou assistir a todos os DVDs dos Teletubbies na Câmara Municipal por causa de uma aposta. Fui o único a sair traumatizado daquela experiência, meus pais nem sequer apareceram lá para início de conversa, mas eu queria provar que era corajoso e não era como eles, bem, só preciso dizer que todos falaram:

— Ernie, você puxou seus pais em tudo!

Meu nome é Ernesto Juliano Caglagio, apelidado pelos amigos de Jota, pelos vizinhos de Ernie e pelos valentões da escola de Ernie Cagado. Não que não goste do meu nome, Ernesto é até legal, mas ninguém me chama assim, a maioria me chama de Ernie, o que me lembra Bernie ou Hérnia, por isso prefiro Jota, simples e direto. Como todo pai dedicado o meu acha isso nome de presidiário ou mendigo.

— Eu não te criei pra andar com marginais. — Sim, ele me chamava de Ernie também. — Só falta agora querer fazer uma tatuagem e sair caçando monstros por aí!

O meu pai era um tipo meio reservado, dizia para sempre deixarmos os outros fazerem o que não queremos fazer e, em Aparelho Quebrado, isso significa caçar monstros. Essa é a rotina dos cidadãos desde que “o velho usava fraldas”, como dizem por aqui. Muitas organizações pelo

mundo tentaram sumir com a cidade, mas os moradores os escorraçaram daqui. E essas organizações então cortaram toda a nossa comunicação com o resto do mundo, o que sobrou disso tudo depois que eles acabaram foi uma ilha de 3800 km<sup>2</sup> rodeada de recifes e rochas bem a oeste de algum lugar e a leste de lugar nenhum, onde os satélites não mostram no Google Earth.

Todos sempre me acharam maluco por ter o dom da visão... Não que os outros sejam cegos, mas posso ver além das barreiras de rochas e corais, os acontecimentos em qualquer lugar do globo a qualquer hora, menos na hora do jantar, quando meus pais não me deixam usar nada para refletir o espaço tempo, ou praticar quiromancia com as mãos deles.

Voltando ao assunto, sou o único com esse dom em Aparelho Quebrado, aliás, ninguém acredita que eu tenha mesmo um dom, ou seja, me tratam como um maluco. Enquanto falo de coisas como iPod, internet e higiene bucal completa, os outros habitantes ainda vivem em um lugar entre a Grande Depressão e a Guerra Fria. Naquele tempo, um vidente como eu previu o os acontecimentos, bateram nele até convencê-lo de sua loucura. Ele se enforcou uma semana antes dos ataques. Os Três Cristais, como eram conhecidos os magos da cidade, foram a única barreira entre Aparelho Quebrado e o fundo do Atlântico, eles lutaram de forma brava contra os magos do continente que se voltaram contra nós, mas estavam fracos demais para impedir as barreiras e rochas de serem colocadas ao redor da ilha. Isso já nos separou por completo da evolução tecnológica do resto do mundo. Como se não bastasse, meio século depois alguém resolveu jogar bombas atômicas em nós e os Três Cristais se sacrificaram a fim de proteger a ilha. Transformando-se em pura energia os três magos envolveram a ilha e nos salvaram, no entanto o estado deles ficou irreversível. Em homenagem aos magos nós chamamos a barreira de Escudo dos Cristais. Lado bom, estamos vivos, lado mau,



Aparelho Quebrado ficou invisível aos olhos de tudo e todos do lado de fora da barreira e ficamos sem um único mago para contar a história.

Eu bem que tentei recuperar esse conhecimento perdido espiando o continente, mas se sobram magos por lá, esconderam suas obras dos olhos de curiosos, pois não achei um único em todo o globo.

Ainda não morremos de fome ou coisa parecida por causa de um brinquedinho que os três filhos da mãe de cristal não esconderam direito antes de virarem um escudo impenetrável: o Apanhador — sim, ninguém conseguiu inventar um nome melhor —, uma espécie de pote do tamanho de um banquinho, funciona basicamente como uma cartola de mágico, ou seja, com ele se consegue puxar qualquer coisa que passe pela abertura. Se quisermos um pote de azeitonas, por exemplo, tiramos a tampa do Apanhador e puxamos o pote de azeitonas de dentro dele. Uma vez me esgueirei na sala do prefeito e tentei puxar um telefone celular através do Apanhador, saiu um telefone de latinha e barbante, tentei com outros eletrônicos, só consegui um ábaco e cinco tabuleiros de xadrez antes de ser encontrado e implorar a piedade do prefeito. Descobri assim duas coisas: primeiro, o prefeito adora aterrorizar crianças indefesas, segundo, não tem como tirar nada muito moderno do Apanhador. Se você está se perguntando como eles fizeram para ver o DVD dos Teletubbies pode me contar quando descobrir, pois na casa do prefeito tem um aparelho de DVD e uma banheira de hidromassagem.

Nunca fui do tipo corajoso, como devem ter percebido, mas sempre fui curioso e minha curiosidade me fez afanar um livro da casa dos Três Cristais — para nós funciona como um museu. Vi o desenho da capa antes, o professor desenhou uma vez, enquanto falava sobre a enganação espalhada em todo o mundo pelos supostos “videntes”, dizendo serem capazes de prever qualquer coisa. A figura desenhada era o

“enforcado” do baralho de tarô, lembro que foi no mesmo dia da visita à casa dos magos. Apenas quando já estava em casa, trancado no meu quarto, tive coragem de abrir o livro que, para testar minha paciência e me tirar da ociosidade, estava todinho em francês.

O difícil foi convencer meus pais a pedirem alguns dicionários de francês na lista de coisas a serem tiradas do Apanhador naquele mês. Estava meio apreensivo com o que havia feito, mas até hoje ninguém reclamou do desaparecimento do livro.

Fico feliz em dizer que sei ler e escrever em francês — apesar de não ser muito útil quando se mora em um lugar isolado do resto do mundo —, e depois de um ano e alguns meses consegui traduzir o livro.

Não ensinava magia, para meu descontentamento, mas não tinha me esforçado aprendendo francês à toa, li o livro de cabo a rabo e decorei alguns macetes.

— Manhê! — Cheguei em casa da escola.

— Fala, chuchu.

— Me deixa ler sua mão?

Ela gargalhou e largou a vassoura com a qual varria a casa e sentou para rir sossegada.

— Ei, estou falando sério, quero ler sua mão.

Ela cedeu e comecei as minhas previsões, e ela não levou a sério nada do que eu disse. Me mandou parar de perder tempo com uma coisa tão estúpida como quiromancia, eu não podia aprender isso de uma hora para outra e, além disso, se realmente funcionasse, os Três Cristais não teriam desmascarado tantos videntes no passado. Depois vieram as perguntas sobre de onde havia tirado aquelas ideias e menti, em parte, dizendo que o professor comentou na escola. Tentei continuar com a quiromancia, mas só consegui ser motivo de piadas na cidade inteira, pelo visto ler mãos não era meu forte.



Esprei mais um ano inteirinho para ter a oportunidade de pegar coisas do Apanhador novamente, desta vez do jeito certo, no dia das crianças, meu último dia das crianças, quando todos os menores de quatorze anos podiam usar o Apanhador a fim de ganhar presentes. Nunca vou esquecer esse dia, foi quando consegui toda a minha coleção de pontos de visão: minha bola de cristal, meus búzios, meu tarô e outros brinquedinhos.

A partir daí decidi não compartilhar meu dom com as pessoas, riram quando tentei ler suas mãos, mas agora tinha realmente êxito em minhas previsões, minhas notas na escola não me deixam mentir.

O problema mesmo começou há duas semanas, quando várias pessoas levantaram de seus túmulos e invadiram a cidade. Os moradores estão acostumados com coisas desse tipo, mas quando surge um zumbi uma espécie de tristeza domina Aparelho Quebrado, acho que é porque já foram nossos vizinhos e amigos quando estavam vivos. Geralmente surgiam um ou dois zumbis, as pessoas cortavam suas cabeças e queimavam seus corpos, depois jogavam as cinzas na floresta. No entanto, eles têm se levantado dos cemitérios em grupos de dez a trinta. Sem falar que as outras pragas ainda incomodavam, todas vindas da floresta de Aparelho Quebrado. Ninguém nunca entra lá porque ela é amaldiçoada. Ninguém duvida da maldição também, é muito fácil acreditar nela quando lobisomens e gárgulas arranham a porta de entrada depois da meia-noite. Como dizia, além dos zumbis ainda é preciso lidar com trolls, bruxas...

Nunca consegui olhar para dentro da floresta, mas sempre consegui visualizar Aparelho Quebrado e sua rotina, porém há dias a única coisa pairando na bola de cristal eram os zumbis, no tarô só saíam a morte, o enforcado e a torre e assim por diante, nada em toda a ilha estava claro ou compreensível. Tudo estava bloqueado a meus olhos, tudo, menos os zumbis.

A

MENINA NOVA



J á tinha dado nos nervos. Naquela noite sonhei com zumbis e suas cinzas jogadas na orla da floresta. Não foi à toa que quando acordei ouvi minha mãe gritar:

— Cérebro!

— Hã?! Como é? O que tem o cérebro?

— Eu disse café, levante e lave essa cara, aproveite e lave as orelhas.

Como todo adolescente normal, odiava levantar cedo e ir à escola, até porque aprendia muito mais olhando o mundo pela bola de cristal. Fazer o quê? Era ir ou ficar e ajudar nas patrulhas contra as pragas. Obviamente fui para a escola, junto com o meu pai, o cozinheiro da cantina, um dos poucos profissionais que não precisavam se alternar nas patrulhas.

Minha mãe ficava cuidando da casa e do meu irmão que, depois de vários pedidos ao controle de população da ilha, conseguiram a permissão de criar. A escola ficava perto do centro e nós morávamos um pouco longe, basicamente na extremidade oposta à floresta, então precisávamos pegar carona no carroção do Sr. Wilmore, que vendia leite no centro. Sempre chegava à escola cheirando a feno e outras coisas menos agradáveis.

Roger, um menino um pouco mais estranho do que eu, porém um dos meus melhores amigos, me esperava na entrada. Ele cumprimentou o meu pai e o Sr. Wilmore, depois seguimos para a sala de aula.

— Ern... Quer dizer, Jota, você viu a menina nova? Ela se matriculou semana passada. Os pais a mantinham trancada em casa e não deixavam ver a luz do dia.

— Boatos, ela só morava perto da floresta, os pais não podiam trazê-la à escola e tinham medo de deixá-la vir sozinha — respondi. — Se mudaram para perto do centro faz pouco tempo.

— Você é bizarro, Ern... — segurou a última palavra.

— Tudo bem, Roger. — Não suportei o ver quase exausto pelo esforço mental. — Pode me chamar de Ernie.

Roger ouviu meu nome pela primeira vez da boca do meu pai quando ainda éramos pequenos e não conseguiu assimilar quando disse que queria ser chamado de Jota.

— Obrigado, Ernie, mas você ainda é bizarro.

— Concordo, agora vamos entrar antes que toque o sino.

A verdade era: eu mal esperava entrar na sala porque a menina nova sentava perto da janela da sala dela, paralela à nossa, e eu ficava olhando para ela. Era branca como algodão, tinha lábios finos e um não-sei-o-quê especial que me deixava bobo.

A escola tinha dois pátios, um dos meninos e outro das meninas. Na hora do recreio fui pegar os lanches especiais que meu pai fazia para Roger, Michael e para mim.

Michael era o meu outro amigo — sim, só tinha dois —, era um ano mais velho e não estudava na mesma turma que o Roger e eu. Pegamos nossos lanches e fomos sentar perto do lugar onde os mais novos apostavam corrida, não por ser o melhor lugar para lanchar, mas era o mais próximo do pátio das meninas. Havia um buraco no muro logo atrás de uns arbustos, ou seja, podia olhar para o outro pátio sem nenhum outro curioso querer olhar também. Descobri o buraco por acaso, um dia em que fui catar meus búzios que um valentão tinha jogado nos arbustos.

A procurei por todo o pátio, levando em conta que todo o pátio se limitava ao pedaço que podia ser visto pelo buraco no muro. Me xinguei algumas vezes por ter esquecido a bola de cristal, mas depois me toquei que ela não ia adiantar mesmo, só sabia mostrar zumbis ultimamente.

Eu ainda não tinha trocado uma única palavra com a menina e não sabia muita coisa sobre ela também, além de



que morou perto da floresta, porque olhei ao acaso quando testava a bola de cristal. Só me lembrei dela, também, porque aquele rosto magnífico é difícil de esquecer. O resto que falei para o Roger foram só palpites que consegui com o baralho de tarô.

Dois caras do outro lado do pátio treinavam tiro ao alvo com estilingues, típicos garotos que se divertiam em apedrejar zumbis e trolls do segundo andar de seus sobrados seguros. Viram meus amigos e decidiram importuná-los.

— Olha o que temos aqui! — um deles falou. — Alvos novos.

— Onde está a aberração que se acha o quiromante? Quero ver se ele consegue ler minha mão com o estômago.

Esse último se chamava Henrique Finegam, mas todos o chamavam de “Sr. Finegam”, o valentão mais temido da escola. Uma vez desenhei a caricatura dele usando o uniforme das garotas e descobri que ele não é fã de arte contemporânea. Levei algumas surras para aprender a me esconder quando ele chega perto, o cara era um bruta-monte grande demais para idade e que ia com o pai fazer as patrulhas.

Michael e Roger eram meus amigos e não ia deixá-los enfrentar sozinhos dois valentões, mas de jeito nenhum sairia detrás daqueles arbustos sem ter certeza da debandada dos valentões, afinal o que vale é a intenção. Então eles arrastaram meus amigos até o outro lado do pátio e começaram a atirar com os estilingues, não precisava ser vidente para saber disso, os gritos dos dois bastavam. Não me leve a mal, mas já admiti ser covarde, quase me borrei só de escutar a voz do Finegam e nem que quisesse ajudar o Michael e o Roger minhas pernas parariam de tremer.

Fazer o quê? Continuei olhando o pátio das meninas para ver se encontrava a garota nova, mas o sino tocou outra vez, e tive que sair detrás dos arbustos.



Nisso, duas coisas aconteceram, uma delas foi os caras que estavam torturando meus amigos me verem, a outra foi minhas pernas começarem a correr porque já estavam apontando os estilingues para mim.

Como o interesse deles mudou o foco, Michael e Roger também correram, senti umas quatro ou cinco pedradas nas costas antes de entrar na sala, os dois boçais com estilingues ficaram do lado de fora. Já desconfiava do que faziam, peguei o baralho de tarô de dentro da sacola só para ter certeza. Eu adoraria se funcionasse, por isso tirei as cartas pensando em Henrique Finegam, assim o tarô não ficaria repetindo a morte, o enforcado e a torre. Saíram o carro, o mundo, a lua e a justiça. Não foi muito animador, tentei encaixar os significados, mas já não precisava, o professor tinha demorado e quando entrou estava acompanhado do “Sr. Finegam”.

— Ernesto Caglagio — chamou —, queira me acompanhar, por favor.

Ele ia me levar até o diretor, Finegam deve ter ido ver o que havia atrás dos arbustos, pois o diretor foi simples e direto quando me viu.

— É verdade, Sr. Caglagio, que o senhor anda espionando as meninas na hora do intervalo?

La dizer que não, mas não adiantaria muita coisa, o pai de Henrique Finegam era Bradoque Finegam, o diretor.

— ...

— Não tem nada a dizer sobre isso?

— ...

— Pois bem, irá para a detenção recolher as cinzas dos zumbis queimados.

— Mas...

— Nada de “mas”, você violou completamente as normas de boa conduta que regem esta instituição, como pena

pela infração gravíssima dei um castigo à altura. Passar bem, Sr. Caglagio. E nem pense em tentar fugir do castigo, eu mesmo farei parte da patrulha esta tarde e ficarei de olho em você.

Além da completa indignação e vergonha, sentia um medo terrível, recolher as cinzas dos zumbis significava passar a tarde inteira correndo atrás das patrulhas e possivelmente catando dedos fujões e outras partes de zumbis que teimavam em ficar se mexendo depois do resto do corpo ser queimado.

Na hora da saída das turmas da manhã fui contar o acontecido ao meu pai e pedir para ele ir comigo, claro que a resposta foi não, as pessoas tinham razão quando diziam de quem puxei a covardia.

Tentei convencer o Michael e o Roger a irem comigo, mas além de serem tão covardes quanto eu, eles estavam bravos por tê-los deixado serem alvo de estilingue sozinhos. O diretor já me esperava, achei que iria demorar mais, pelo visto ele vestia o uniforme de patrulha por debaixo da roupa. Se eu não estivesse acostumado acharia que ia para a guerra, ele carregava um porrete na mão direita, um facão na esquerda, várias latas de querosene e alguns fósforos na cintura.

Eu carregava um covarde — que no caso era eu mesmo — e uma pá de lixo, enquanto empurrava um carrinho de mão usado para transportar as cinzas. E não vi nem sinal da menina nova quando saímos da escola.







A glowing blue crystal ball sits on a yellow, three-legged stand. The crystal ball is the central focus, emitting a soft blue light. Inside the crystal ball, the text "O CATADOR DE CINZAS" is written in a bold, blue, sans-serif font, arranged in two lines. The background is a dark, gradient blue, which makes the glowing crystal ball stand out prominently.

O CATADOR  
DE CINZAS

**A**s patrulhas diurnas eram uma coisa relativamente nova, antes havia apenas as noturnas, porque os zumbis, diferente dos outros monstros, saíam tanto de dia como de noite. Você não veria uma bruxa ou um bicho-papão na luz do dia, por exemplo. Esse é um dos motivos pelo qual odeio zumbis, eles não têm noção que se aparecessem somente à noite o diretor não poderia me obrigar a catar suas cinzas, isso é muita falta de consideração para com os adolescentes covardes.

Pensei que a patrulha iria até o cemitério, mas a situação por lá estava sob controle, pois os túmulos eram guardados pelo vice-delegado e alguns policiais, ou seja, se um zumbi levantasse iriam chover porretes, facões e querosene em cima dele. Perguntei sobre o resto do efetivo da cidade e o diretor disse que eles iam nos acompanhar na patrulha. Senti-me um pouco aliviado, muito pouco, quase nada, de qualquer forma era um alívio. Não era perigoso sair com o diretor Bradoque, se fosse escolher alguém para me proteger dos zumbis seria ele, mas com vários policiais junto me sentia bem mais seguro. Claro que meu ânimo caiu ainda mais depois de saber onde nós faríamos a patrulha, além do ânimo, deve ter caído minha pressão arterial e ela levou consigo a cor do meu rosto.

— Se não vamos até o cemitério, aonde vamos? — perguntei.

— Nos arredores da floresta é claro — disse o diretor, nessa parte quase desmaiei. — Pare de frescura, garoto! Você ficou mais branco que um boneco de neve agora. Todo mundo sabe que os zumbis que conseguiram escapar foram se abrigar na floresta, não seja medroso.

Não estava com medo, estava apavorado e quase urinando nas calças, medo era fichinha perto do que eu sentia. Naquele momento amaldiçoei mentalmente os zumbis por

irem à floresta e o prefeito por autorizar o diretor a colocar “catar cinzas” como punição aceitável para alunos rebeldes.

Bem que tentei dar uma desculpa.

— Diretor Bradoque, não sei se consigo empurrar o carrinho até lá, é mais de meia cidade para percorrer.

Ele respondeu que não precisaríamos andar tanto, disse que havia uma carroça nos esperando a duas quadras da escola. Quando entramos na carroça os outros patrulheiros já estavam lá, cerca de nove homens, três deles eram civis como o diretor e eu.

— Onde estão os outros, Dangué? — o diretor perguntou.

— O delegado foi com uma carroça buscar os Lextram e Claudio levou a outra para recolher voluntários no centro, ainda estão faltando cinco para completar os grupos — respondeu o cabo Dangué, ao que tudo indicava ele ia comandar nosso grupo.

Da polícia estavam Dangué, os irmãos Frederico e Carlos Rogre e Druiam Willians. De civis, além de mim e do diretor, estavam Jorge, o açougueiro, e Jonatas e Fabiano da mercearia próxima à escola. O delegado chegou dez minutos depois, acompanhado dos Lextram, o cabo Claudio demorou um pouco mais, mas conseguiu os voluntários que faltavam. Estávamos quase de partida quando o professor de uma das turmas da parte da tarde veio correndo e puxando um garoto pela orelha.

— Com licença, diretor Bradoque — ele ofegou —, achei esse indivíduo escondido no banheiro da ala feminina, ao que parece ele estava pichando palavras obscenas nas tampas dos vasos.

— Ótimo — respondeu o diretor —, temos mais um catador de cinzas conosco. Delegado, está precisando de um catador?



— Não, nós temos o filho mais novo do tenente Lextram aqui, mas acho que faltam membros no grupo do cabo Claudio.

— Esplêndido! — respondeu o diretor.

Mais um para o castigo, o garoto que pichou as coisas já foi meu vizinho, antes dos pais dele serem devorados por gárgulas. Seu nome era Nilson Hugiane e era realmente uma praga, um vermezinho, sempre aprontava. Não me admiraria se ele fosse escalado para catar cinzas de zumbi todas as semanas. Quando entrou no carroção pegou algo no chão e vestiu, parecia uma roupa de padre, reparei que no meu carroção também tinha uma daquelas vestimentas. O cabo Dangué deve ter visto a minha cara de repulsa.

— Pois é, garoto, você pode ir vestindo seu uniforme também, cinzas de zumbi mancham a roupa e fica difícil de tirar depois. — Riu da minha situação.

Quando ouvi isso fiquei com mais nojo ainda porque pareceu que as manchas cinza se destacaram. O pior de tudo é que fiquei mesmo igual a um padre. Numa ilha onde surge todo tipo de aberração a religião fica meio desmoralizada e as pessoas só vão à igreja por descargo de consciência, sendo assim, poucas vão. Dessas, pouco mais da metade acha os padres birutas, não as culpo, também acho os padres malucos.

O fato era que grande parte da cidade também me achava maluco e me ver parecido com um padre só iria fazer as chacotas e outras brincadeiras de mau gosto aumentar. A fim de aliviar a tensão resolvi tirar as cartas para a patrulha e me convencer de que seria tudo calmo e tranquilo e que não teria perigo. Mas o tarô estava de sacanagem comigo e saíram a torre, a morte, o enforcado e o louco. Comecei a tremer ainda mais — se isso fosse possível.

Os irmãos Rogre tentaram me acalmar.



— Não leve em consideração esse baralho, garoto, isso não funciona. Sabe o que os Três Cristais falavam? Que se achássemos algo que dizem ser capaz de prever o futuro era para duvidar.

— Isso mesmo, garoto, o destino é sempre incerto. Isso daí nas cartas são só desenhos. Além do mais você vai estar bem protegido, o prefeito não deixaria o diretor Bradoque trazer adolescentes pras patrulhas se não achasse que eles ficariam seguros.

Fiquei quieto, primeiro porque demora para explicar certos pontos do dom da visão, segundo porque me toquei de uma coisa: se os Três Cristais diziam que não existiam videntes, por que tinham aquele livro que peguei emprestado?

Ainda estávamos longe da floresta quando apareceu o primeiro zumbi. Por ironia ele era o antigo delegado que morreu há uns seis ou sete meses quando foi atacado por um bicho-papão. Vestia o uniforme da polícia com o qual foi enterrado, quando abriu a boca — ou o que sobrou dela — não teve tempo de formar o famoso “Graaaaaarrrr” que falam os zumbis, o cabo Claudio já havia descido do carroção e com um golpe certeiro de facão decepou sua cabeça, depois derramou querosene no corpo que ainda se mexia e acendeu um fósforo. Estava apavorado, mas não consegui deixar de admirar a velocidade impressionante com que um zumbi queima e vira cinzas.

— Muito bem garotos — disse o diretor Bradoque —, já podem começar a catar as cinzas com as pás.

Nilson e eu nos olhamos com aquela cara, denunciando que ninguém estava com a mínima vontade de ser o primeiro a começar o serviço. Nessas horas entendia quando meu pai dizia que muitas pessoas nos chamam de covardes, mas são, na verdade, mais covardes. Ainda sentia medo, mas não tanto quanto antes.



Sentia nojo, mas peguei a pá e comecei a encher com cinzas meu carrinho de mão. Nilson resolveu me acompanhar quando já estava quase terminando, então deixei para ele catar dois dedos e uma orelha que não queimaram por completo e continuavam se mexendo. Também percebi que o medo hereditário de zumbis e outros monstros ainda era bem forte, mas alguma coisa me impediu de desmaiar ou sair correndo e gritando quando vi o morto-vivo vindo em nossa direção.

Olhei os patrulheiros e senti que, apesar deles serem idiotas o suficiente para sair caçando aberrações por aí, ficaria bem. Os policiais estavam ali por ser a profissão que escolheram, mas o resto estava porque queria mesmo dar mais segurança a suas famílias.

**FIM DO ARQUIVO DE  
DEGUSTAÇÃO**

---

**ADQUIRA COM DESCONTO  
NA LOJA OFICIAL  
DA EDITORA ESTRONHO**

**[www.lojaestronho.com.br](http://www.lojaestronho.com.br)**

**OU VEJA OUTROS PONTOS DE VENDA EM**

**[www.estronho.com.br/blog](http://www.estronho.com.br/blog)**

**f** [estronhobook](#)  
**t** [estronho](#)  
**i** [estronho](#)  
**g** [estronho.com.br](#)

  
EDITORA  
**ESTRONHO**